

The background of the entire page is a complex, abstract textile pattern. It features a central vertical column of a fine, regular grid. On either side of this column, the grid lines curve and flow outwards, creating a series of interconnected, organic shapes that resemble woven fabric or perhaps a microscopic view of a material. The overall effect is one of intricate detail and rhythmic movement.

TESSITURAS CIRCULARES

Um resgate da arte têxtil de ANA NOROGRANDO

Curadoria de
SILVANA BOONE

Abertura

8 de março de 2023, às 19h30min

Visitação

De 8 de março a 6 de abril de 2023, de segunda a sexta-feira, das 8h às 22h

Galeria de Arte do Campus 8
Universidade de Caxias do Sul – Área do Conhecimento de Artes e Arquitetura
Av. Frederico Segalla, 3099 – Bairro Samuara
(RS 122 Km 69) CEP 95112-310 – Caxias do Sul – RS

TESSITURAS CIRCULARES: UM RESGATE DA ARTE TÊXTIL DE ANA NOROGRANDO

Um texto curatorial tem como propósito apresentar os conceitos que pautam uma exposição, seu eixo de escolhas e os elementos que baseiam o conjunto da obra curada. Peço licença, inicialmente, para traduzir minhas percepções em primeira pessoa, o que raramente faço, mas ao entrar no atelier de Ana Norogrande, pareceu difícil tornar visível, num recorte pontual, a experiência visual e sensorial vista e proposta pelo vasto conjunto da obra da artista. E sem dúvidas, também é difícil a imparcialidade do olhar de quem aqui escreve. O desafio dessa curadoria foi apresentar uma parcela mínima do universo criativo de uma artista múltipla que, ao longo de cinco décadas tem construído um acervo ímpar que vai desde a arte têxtil ao vídeo, tendo a escultura como sua maior referência.

De imediato me veio em mente o texto “A gaveta dos guardados”, de Iberê Camargo, que atribuí à essa expressão a ideia de memória. Curiosamente, Ana revela de imediato, que a obra visceral da sua produção têxtil, estaria exposta na fundação de Iberê e as conexões se tornaram mais certas: o resgate da obra têxtil de Ana Norogrande, neste momento, deveria revisitar o início da carreira dessa artista mulher, gaúcha, e que sempre buscou reflexões femininas e feministas em objetos esquecidos, descartados, invalidados, refeitos, reorganizados e tornados outro, e no fazer criativo da artista, transfigurando formas, lugares e pensamentos acerca do corpo, da sua imagem pré-concebida e desdobrando diferentes linguagens escultóricas, livres de qualquer enquadramento.

Não por acaso, a escolha do conjunto têxtil para esta exposição exalta, indiretamente, o fazer feminino, num recorte de obras que desmontam a ideia de fragilidade que o termo “feminino” aponta já que, tecer e tramar estruturas metálicas envolve a energia e a força exigida pela matéria, logo, não cabem adjetivos que possam diminuir essa força, determinada historicamente pelas questões de gênero.

O termo têxtil comumente é associado a materiais maleáveis, moles, tecidos e vestidos, e pode-se dizer que durante muito tempo esteve mais vinculado à esfera artesanal do que da arte contemporânea. Não adentrando nas diferenças e longe de promover um debate acerca da natureza fim de cada uma dessas esferas, a obra de têxtil de Ana Norogrande não se propõe ao contexto utilitário e por si só, afasta-se de qualquer possibilidade de associação ao fazer artesanal. Sendo as ações de tecer e tramar consideradas atividades femininas desde a antiguidade, também coube à literatura a atribuição do caráter simbólico de tais ações. A mitologia ressignifica essas ações: fios e linhas, metaforicamente estão associados à vida e aos seus diferentes percursos; figuras femininas tecem ou rompem destinos, como as moiras Cloto, Láquesis e Átropos, que decidem o destino dos mortais ou por sua vez

em narrativas visuais tecidas, tal qual faz Aracne frente à Atena e ainda, direcionam caminhos como fez Ariadne no labirinto do Minotauro. Desígnios concretizados ou rompidos nas mãos que tecem.

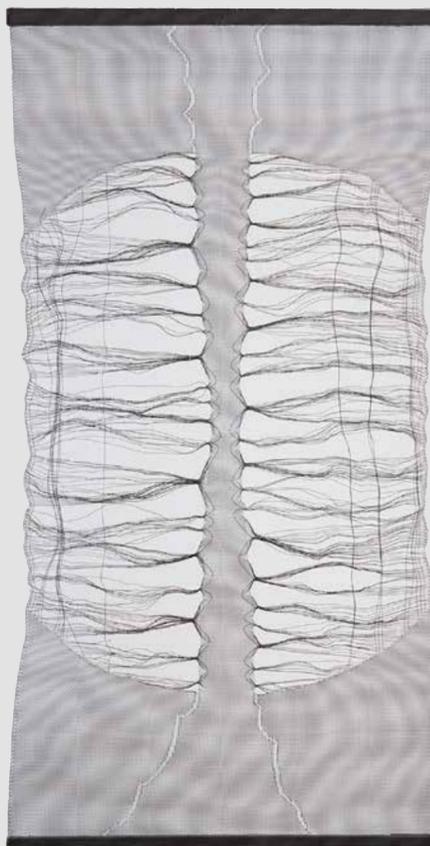
E, dos desígnios ao design, conceitos da ordem do feminino perpassam as tessituras de Ana Norogrande, desde a sua própria origem e as gerações passadas, resgatando o poder e a força das tramas e tecidos produzidos por mulheres ao longo da história, às referências ancestrais gaúchas das cestarias indígenas e das dressas de origem italiana, ambas culturas que insistem em resistir às transformações contemporâneas e ainda presentes na nossa região. O pioneirismo de Norogrande, no final dos anos 1970, é o ponto de partida e vem reverberar na consolidação de uma linguagem ancestral que hoje passa a ter maior visibilidade e valor no universo da arte. Sem saber, naquele momento, a obra da artista se aproximava da ideia cunhada pela historiadora e crítica de arte Rosalind Krauss, enquanto publicava um dos seus textos mais sublimes, “A escultura no campo expandido”. À sua maneira, Norogrande dialogava com as mudanças acerca do objeto tridimensional descaracterizando o que nos acostumamos a chamar de escultura, rompendo com as definições pré-concebidas entre o objeto escultórico e a ideia bidimensional daquilo que até então, era entendido como têxtil.

Torna-se necessário este retrospecto, para que não tenhamos uma visão retrovisora do trabalho da artista e sim, contemporânea e prospectiva.

Assim, a exposição, conforme seu título, vem resgatar pontualmente as tessituras circulares têxteis de Ana Norogrande, pensadas e construídas no movimento, na ação do tempo e que pode ser traduzido nas mais diversas formas simbólicas que o círculo emana, bem como vem desvelar, após mais de três décadas da sua concepção, uma história que queremos apresentar ao público e especialmente aos nossos estudantes, já que na sua essência, a arte, conecta-se ao design, à moda e aos inúmeros conceitos interdisciplinares que envolvem a materialidade, a sustentabilidade, e as relações entre o fazer da mão e das tecnologias.

Ana Norogrande esteve na Universidade de Caxias do Sul em 1992, na antiga Galeria de Arte da Biblioteca Central, dividindo o protagonismo com outros quatro artistas gaúchos. Desde então, consolidou uma trajetória como artista/professora/pesquisadora e esse caminho vem de encontro ao que idealizamos profissionalmente aos nossos estudantes: poder fazer da arte um motivo existencial compartilhado com o outro. O reencontro demorou, mas está feito.

Silvana Boone



Tramas e Tensões III, 1986
Tela metálica galvanizada
e barra de ferro
120 x 60 cm

ANA NOROGRANDO reside e trabalha em Porto Alegre, RS. Desenvolve projetos em escultura, objetos e videoinstalação. Lecionou no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. A artista realizou projetos de pesquisa em arte junto às Terras e Comunidades Indígenas Kaingang do sul do país, na comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros, em Porto Alegre, RS e pelas águas da ria em Aveiro, Portugal. Possui obras em inúmeros acervos públicos e coleções particulares. Realizou inúmeras exposições individuais e coletivas no Brasil e exterior, tais como Sobre as Águas no MAC/RS, em 2011, Sincronias na Sala Janete Costa/PE em 2013, a retrospectiva Ana Norogrande - Obras 1968-2013 no MARGS/RS em 2013, Corpos e Partes na Fundação Badesc/SC em 2016, Corpos de Fábrica: Obras 2016 – 2017 no Museu Oscar Niemeyer/PR em 2017 e Coreografia de Sombras na Galeria Morgados da Pedricosa/Aveiro/PT em 2021. Participou de importantes exposições coletivas como a 10a Bienal do Mercosul – Mensagens de Uma Nova América em 2014, Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira em 2017, Fora das Sombras no Museu Oscar Niemeyer em 2022 e Trama na Fundação Iberê Camargo em 2022.

SILVANA BOONE (Caxias do Sul, 1967) é Doutora em Artes Visuais pelo PPGAVI da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Especialista em Artes Visuais pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Licenciada em Educação Artística (UCS). Professora e pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul desde 1995, curadora e crítica de arte.

RELAÇÃO DAS OBRAS

Positivo-Negativo, 1985
Tela metálica galvanizada e barra de ferro
153 x 120 cm

Tramas e Tensões III, 1986
Tela metálica galvanizada e barra de ferro
120 x 60 cm

Círculo Integrado III, 1987
Tela metálica galvanizada e barra de ferro
146 x 120 x 18 cm

Círculo Integrado V, 1987
Tela metálica galvanizada e barra de ferro
168 x 95 x 23 cm

Peneira VI, 1987
Tela metálica galvanizada e barra de ferro
90 cm de diâmetro x 28 cm

Peneira VIII, 1988
Tela metálica galvanizada e barra de ferro
90 cm de diâmetro x 15 cm

Tramas e Transparências I, 1988
Tela metálica galvanizada, barra de ferro
e fios de cobre
97 x 110 x 32 cm

Ostensório I, 1989
Tela e fibra metálica galvanizada, barra
de ferro e fios de cobre
65 x 28 x 18 cm

Objeto Lunar II, 1992
Tela metálica galvanizada, tubo e barra
de ferro, fios de cobre e bronze, massa
plástica e tinta acrílica
170 x 90 x 30 cm

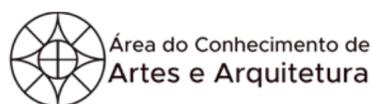
Ressonâncias, 1996
Tela e fibra metálica galvanizada, ferro,
massa plástica, tinta acrílica e spots
280 x 500 x 500 cm



Objeto Lunar II, 1992
Tela metálica galvanizada, tubo e barra
de ferro, fios de cobre e bronze, massa
plástica e tinta acrílica
170 x 90 x 30 cm

frente: detalhe da obra *Tramas e Tensões III*

Realização



Apoio

